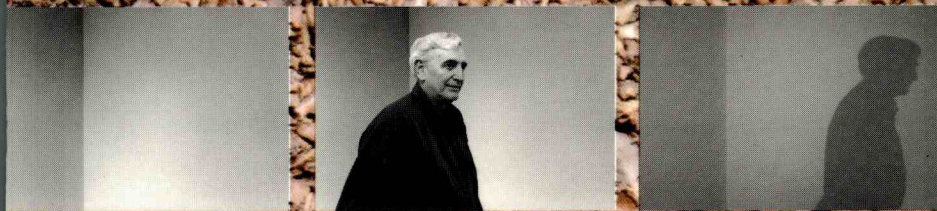
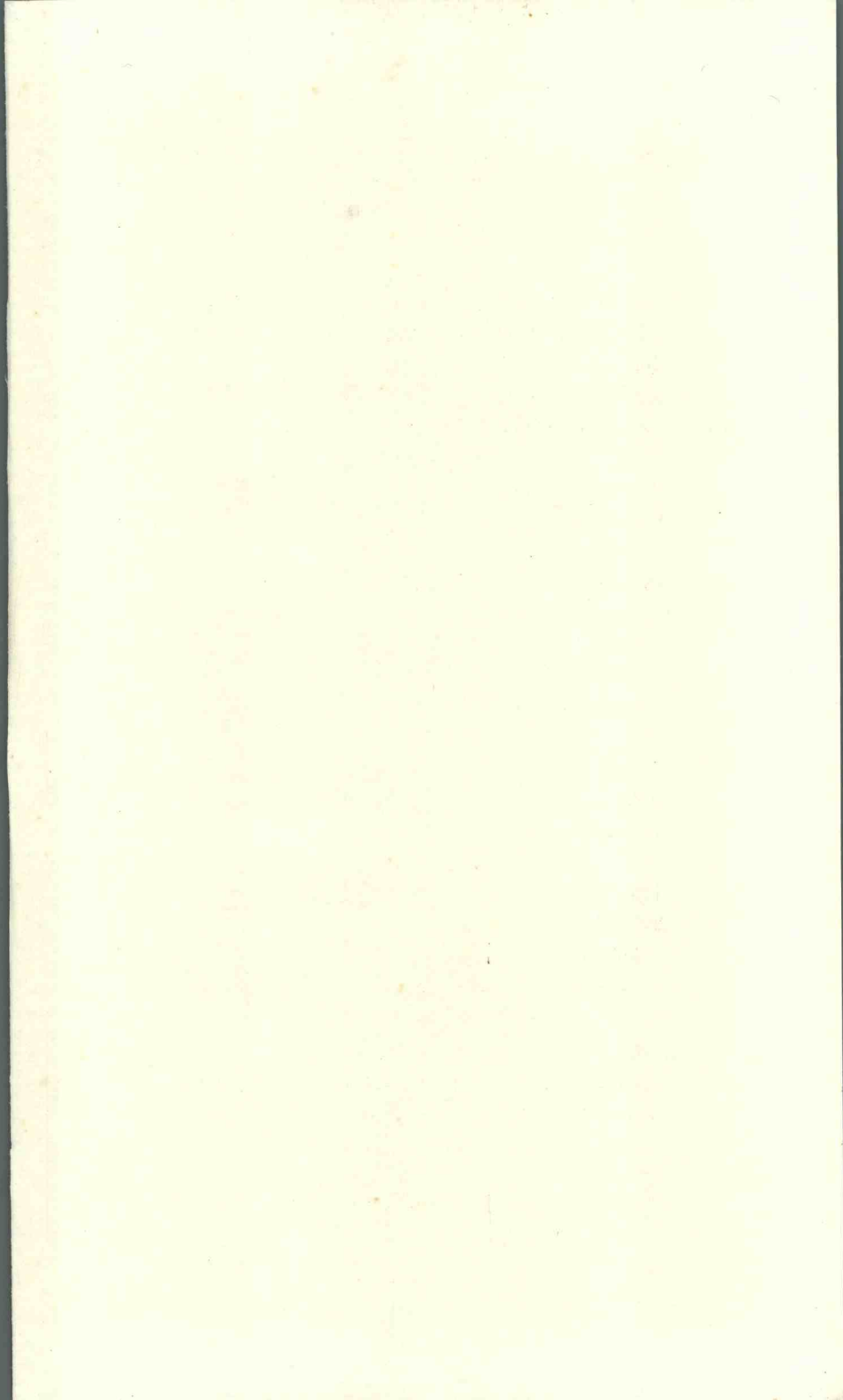


CAETANO LAGRATA
livro de horas



POEMA

De juiz nenhum mote sereno
De homem o canto marcado
Pra sempre entediado nas horas
Menores ora postas a lume



1875

livro de horas

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

1891

1892

1893

1894

1895

CAETANO LAGRASTA
livro de horas

POEMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lagrasta, Caetano
Livro de horas : poema / Caetano Lagrasta. --
São Paulo : Ed. do Autor, 2004.

1. Poesia Brasileira I. Título.

ISBN: 85-901847-2-2

04-2902

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

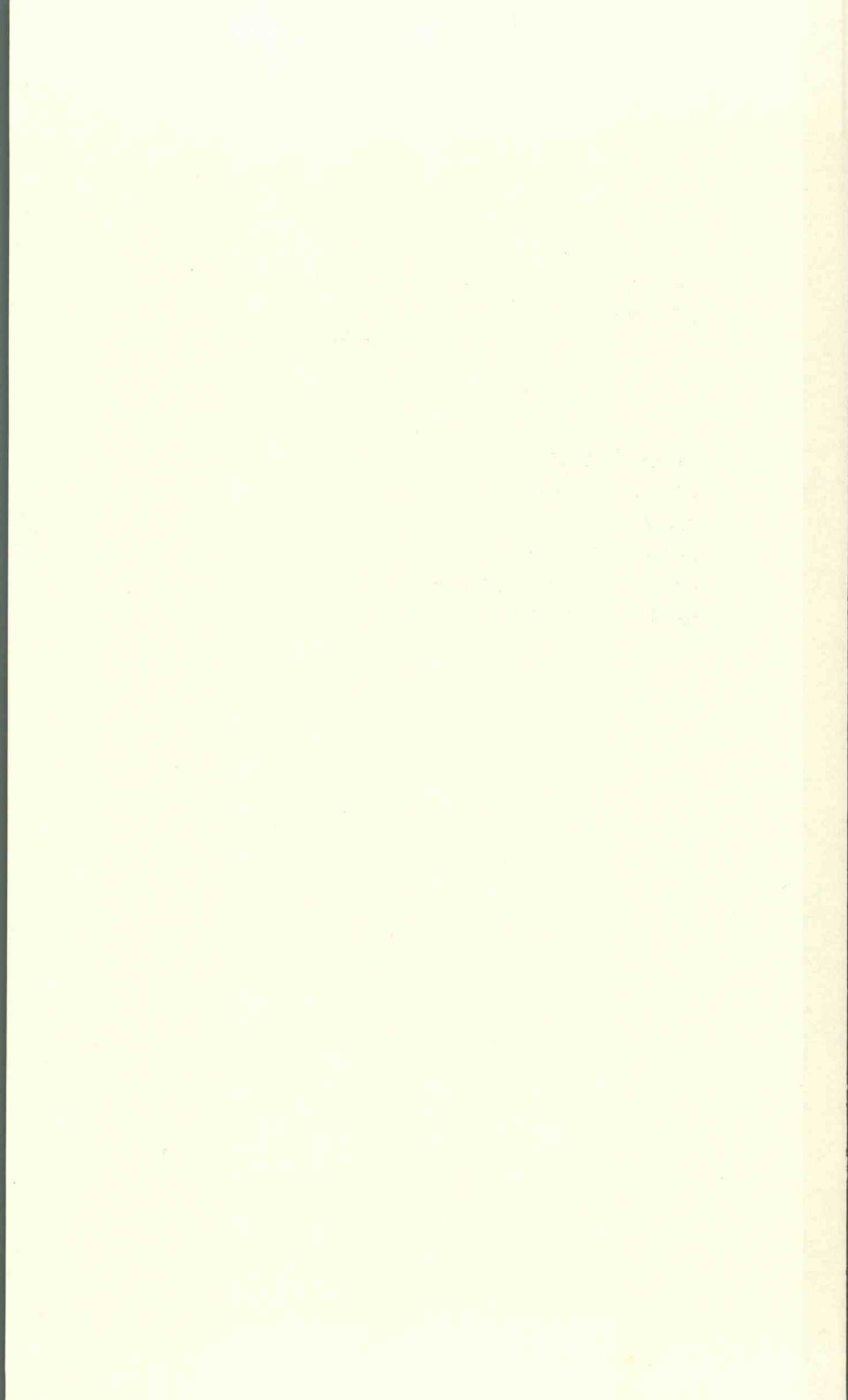
2004 © Caetano Lagrasta

Capa e Projeto Gráfico
Juan Figueroa
Fernando Velázquez

Fotografias da Capa
Marcello Lagrasta

Meu avô, o Camareiro Brigge, carregava – e isso era coisa
que se via – sua morte dentro de si

RILKE



introdução explica?
introduz e mascara
marca
devassa, mas não diz
das estrelas: palavras mortas
há milhões de anos

1875

I

CANTIGA PARA THAIS

este caderno é seu
em 6, Setembro
com tempo para coisas simples
conto-as
exageradas por olhos
de reinventado amor

BRIGGE

há estrelas que só teus olhos
irão ver mandando reflexos
de cacos e regatos
à tua imagem que passa

nunca fui alegre
salvo bêbado travado
no azeitado da vergonha
deuses humanos
rabugentos travessos ouvem
o que produzimos: música de pastor
guardador de rebanhos fantasma
no corredor do apartamento
fotografia na engenharia de ninhos
proibida às crianças
marejar no quintal de lembrança
bonecas índias imóveis
olham mãe lua louca a correr no rastro
do sol terra, fogo, água e ar assim
somos feitos fantásticos em nossa condição

estações de ferro: rola moça
tiradentes piedade verão
na ilha fantasma
pirata olhos de gancho mãos arrancadas
em poças d'alma enterradas
ruínas

faça de conta então
que nem tudo que está escrito
é poema de finados que findam e papai noel
¿que fizestes
terei sido eu, em você,
Thais?

CANTILENA

Francisco de Assis
dizia que tudo
tudo mesmo que há
é nosso irmão

a pedra, a chuva,
a formiga e o pássaro;
o homem bom
e o mau

não teve seu avô tempo
de aprender
do perdão humilde
cantar

CÂNTICO

hoje sei que há estrelas
que só teus olhos irão ver
espelhos e regatos
que em cacos guardarão
teu reflexo

e não mais
pois que estrelas
continuam a mandar luzes
num insistente piscar de morte para cristais
partidos que não colam
e os últimos
- ah os últimos -
lavarão tuas pequeninas mãos
onde cabe inteiro
este coração

CANTIGA DE MUITOS TEMPOS

sabe, nunca fui alegre
salvo nas festas e na bebida
e logo arrastado
num travo à vergonha

chegou você
tão pequenina
olhos ainda perdidos
gestos de brinquedo
cabelos espetados
e pernas esvoaçantes
como asas
para tomar-me conta ocupante
encanecido encantado
de espaços
deixados

PASTOR E SEU CANTO

vê, o dia deu em chuvoso
e de pouco adianta
o sol querer atravessar nuvens
para vir escutar música
ou espiar estes versos

as flores do jardim parecem felizes
pois em breve não serão mais
as mesmas para teus olhos
lembrança outra
será a grama
no roçar de teus pés

as pedras
onde deposito esperança e alegria
serão as mesmas
gastas e lisas
ao bater da chuva
ao correr dos ventos
juntas
a todos os irmãozinhos
esperando vê-la menina
aos gritos de macaquinhos
que roubam
bananas à tartaruga

CIRANDA-CIRANDINHA

guardo histórias
de memória e outras sei de cor
diz velha, a canção (cujo nome não lembro)
ainda outras, com certeza, virão
sobre a vida de bichos
que então falavam
e hoje escutam sentimentos
assustados em gestos confusos
de garra e mão

tua vinda
-tanto tempo aguardada-
só de nela pensar emocio
semeou esperanças que suportam
mundo ciranda
em mãos de criança
(as tuas mãos)
rumor de palmas ao vento

CANTIGA *CON DUENDE*

assim que entender
(ou mesmo que eu pense que não)
lerei para você o Oitavo Poema
d'O Guardador de Rebanhos
de Caeiro-Pessoa
só para que se ria
e brilhem-lhe os olhos
ao desconfiar que os deuses
nem sérios nem tristes
são humanos travessos
e o resto,
ora, o resto
é tudo mentira

enquanto eu ler
estaremos a ouvir música
alegre Adoniran
Pedro e o Lobo
de Bach
o Brandenburgo
a lembrar bisavô perdido
em nós
por entre milongas argentinas
a tantos espaços só
amarelecido em retrato

hoje opaco habitante
no corredor em cortejo
fantasmas vigiam olhar inquieto
da bisavó guardadora de amor clausura
no temor de que o redil
se lhe aparte

BUCÓLICA

aqui no jardim
mora a grande árvore
ficus
toda cheia de ninhos
também por mim
ameaçada de corte
por suas raízes enormes
perigando invadir subterrâneo
sossego de alicerces
da casa
tudo

anunciada para breve tua chegada
só com isto
escapou-se à morte
vindo a ocupar sonhos
de abrigo em selva cabana
sem casa-de-bonecas que seria tão estúpido
como vestir meninos às saias
ou aos brincos e
inda por cima
aos saltos altos

a árvore nossa irmã sabe e espera
que tuas mãozinhas a agarrem

e que teus pés por ela escorreguem
galho-a-galho
até que possa entregá-la
ao solo em segurança
e de alegria grites
enquanto teus olhos digam
uma e outra vez
que tudo vale a pena

CANTIGUINHA SAUDOSA

tenho visto você tão pouco
espio com receio de acordá-la
falo baixo
como se estivesse na casa dos velhinhos
pego-a no colo embalo
tudo aos poucos
com medo de gastar momentos
em que por desajeitado
chore

mas a grande
a maior alegria
foi guardar teus
olhos cor-de-noite
azul e marinhos
olhos de profunda fundura olhos
que sem ver
adivinham pestanejar de pálpebras
adultos que não sabem brincar

pequenos momentos
pequenos do mar
de onde escapam peixes pingos
d'água salgada
marejo no escrever
avisos de partida

PÁSSARO PIO

hoje encontramos um ninho
que o vento derrubou
guardei-o para você
para que aprenda engenharia
enquanto o pássaro
a menina tão pequena contemple
habitante da casa grande
abrigo possível de pássaros
um mundaréu

CANTIGA DE AMOR

sol espia renascer cor e brilho
ontem à noite pensei tua chegada
maus sonhos
de dor e doença
morte dissipa

tudo visto por teus olhos
reflexos de árvores crescem de sombras
logo a roçar teus ombros
irmãs que brincam
travessuras
até que um dia rindo ao jardim
abandonado de lembranças
a teus netos rumor de folhas
relâmpagos
de ruína
cantes

CANTIGA DE AMIGO

5 de outubro

pela primeira vez
na tarde quieta
conversas de poente
queixumes sem sentido
grande riso escancarado de gente grande
vieram as tias
e também esteve
do avô grande amigo João
Figueroa, Juan, poeta
embrutecidos todos
à infância beleza
que de raro deslumbra e
em nossa alma espia

amanhã um mês
estás crescida
olhos de cristal azul
azul fundo
quando adivinham
voz e vulto de cabelos
brancos e dedos te apertam
como se possível fosse
junto ao peito trazê-la
ao coração entranhar

CANTIGA DE RODA

bonecas índias
um abanico
de pena de pássaros
só para alguém dizer:
que pena,
matá-los só por isso
¿mas homem por enfeite
mata? índio
no viver penas arranca
¿e renascem?
pernas de caranguejo

bonecas
opacas patéticas paradas
a depender do Tempo
até que descubras
argila em modelo
sentada aos riscos de vermelho e negro
tinta e pano
cabelos lisos
que não podes junto ao peito trazer

aí
e só aí
vais entender que vida
é assim mesmo - esquerda
às vezes - aos que mais amamos
impossíveis hóspedes do coração

CANTE HONDO

a Juan Gelman, argentino y poeta

votar
você vai ver
é ato de maravilha
para sobreviventes tardios
de um tempo em que o só pensar ofendia
sonho distante
realidade desfeita tortura e morte de homens
pendurados em forca forçada
suicidas
outros em fios de cabo e choque queimados
ruindade das boas
a triturar alegrias
encolher de pensamentos no escancarar de dedos
desmanche sutil de idéias
trevas
desespero

votar
ilusão mesma na História
é escapar por pouco
que se tiver tempo um dia desfaço
ao meu jeito

CANTIGUINHA PAULISTANA...

...comprei

comprei também amarrilho
de cabelo daqueles de rabo-de-cavalo
enrosco de fibras e penas
você vai gostar
se os bichinhos do tempo
que a tudo o que é natural
não roerem enquanto cresças

compraremos outro na visita
aos índios lá na tribo
na oca deles onde vive
criançada alegre
olhos negros carvão
que brinca
assustada com o outro você
branquinha
e você espantada
do vermelho deles

rindo

aos segredos da Noite
pousada em tudo
tudo encobre
fátua névoa do espanto

traíçoeiro deslize da infeliz garça
direto pra goela da morte

escuridão consome valentias
mãe grande louca
Lua corre planície do céu
e a Sol perfura trilha de raios
na busca do Macunaíma perdido
nas bruscas burocracias
herói morto de morte
vexada no esquecimento
prisioneiro

QUATRO ESTAÇÕES

de quatro elementos
extrair se pensa universo terra
fogo água ar
não fosse homem
a macular mistério

terra tudo que pisamos
de onde brotam flores
onde brotamos
dias a gastar
no enterrar
mortos

fogo segredando divindade
sacrifício de sangue
a troco do saber
pecado
fogo apaga rastros

mata
água de barcos à deriva
de deus até que o diabo enxergue
no silêncio de ilhas escondido ar

brisa sem pressa de engano
prenúncio de chuva que invade casa e cômodo
assobio sem par no sufoco de pios
pássaros desmanchados em nuvem

tempestade funda cidades
desfeitas em pó
pegadas eternas
do retorno à semente

definições as há
e quantas!
mas prefiro estas no impossível
que emoldura
e trai

VÉSPERAS

Conheciam a ordem de seus dias. Completo era o mês; completo, o ano; completo, o dia; completa, a noite; o sopro de vida também, quando passava; completo o sangue, quando chegavam a seus leitos, a suas esteiras, a seus tronos. Em boa ordem recitavam as boas orações; em boa ordem procuravam os dias propícios, até verem as estrelas propícias entrarem em seu reino; então observavam quando começaria o reino das boas estrelas. Então tudo era bom.

(PÁGINA MAIA DO LIVRO DE CHILAM BALAM)

ano
conta 365 dias
no solstício inca
resquício de horas
multiplica estações
como de trem
de ferro beirada
de cidade em polvorosa
ambulantes no refrão de comida
azedada água fuligem
do vapor voando nomes
de intenção: rola moça tiradentes
piedade corumbá sem repetição
melhor
primavera verão outono inverno

primeira despedida
aos gritos do frio flores
cor no chão desenha
ruas e matas
embriagadas de perfume e caminho
cantos de pólen vermelho
despedidas na face
de gelo brincam de ficar
junto ao amor de gestos
aninhando

mundo grande vasto jardim
na infância
verão para uns
ruína na praia só
existe castelo de mar
espuma não repete bolhas
vazias e azuis verdes
de coral luz
profunda barreira céu
de peixes escama olhos
no brinquedo esquecido
aos baldes água carregada
buraco de areia mar
não transporta
barcos no horizonte riscam sombras
vão-se reveladas
de grão-de-areia e estrela
amor roteiro
em mapa tracejado
ao abrigo da ilha navegantes
remoem rum

papagaio caolho revela
marujo fantasma
ao leme agrilhado
baú de sarças foge
em farrapo de velas

outono vem
vento vermelho
apodrece chão
flutua folhas entre
versos de moça adormecidas
triste pó
amarelo enfeite a rodopiar sem pé
cifrada mensagem de
cadernos à deriva

inverno nunca está
pra brincadeiras:
de pouca conversa
de repente córrego da manhã
congela água
dente range vidro no raspar da escova
(susto do pai
fria preguiça do banho)
¿medo seria?
pouco dura com nascer atrasado
dia de sol branco voa
espaço de nada

a noite
sem-cerimônia anunciando na gola
levantada do paletó
vento de eco distante
primavera

CANTE HONDO II

a Juan Guzmán, juez de Chile

eleição acabou-se!
e na lembrança fica
de 64 tudo
marcas a ferros
soldados de fogo
no salão anunciados
de esporas
e sabe-se lá com que roupa
no porão

um desastre verdadeiro!

anos passam
rumorejando trevas
sonhos de suicídio e cobre

tudo por água'abaixo!

ao medo mente-se
em moeda falsa fuzilados
palácio moenda fada

la moneda
falsa

CANTIGA DE MALDIZER

vontade de corrigir
cerzidor de rabiscos

melhor que leia
no caderno de capa e couro
como saída diária
(¿expulsos versos?)
de meu coração
até que o computador
ou luz faltem para sempre
e duvide:
conheci avô
¿qual?

¿o escrito ou o falado?

CANTIGA DE RUA

hoje é dia das Crianças
sobre isto não escrevo nada
para que você não imagine
ser eu um parvo avô
e não arrisque de tudo
arrancar Poesia
coisa feita fio
bordado em solidão e linho

palavra e sentimento
de amor sem risco

SOLO DE BANDOLIM

As músicas como antes?
Amarela e às esconsas
mulher muda
em outro ser pensa?

da idade às cambulhadas
sinistro fado não há
seresta que a faça
os astros distraída pisar

CANTO DE PRETO

homem preto toca
lamenta na noite
mangue boêmio de transe
às vezes
no punhal encruzilhado morto
como queria Noel
em soluço de lágrima
 empoçada fica

CANTIGA DO FAZ DE CONTA

um dia você acaba contando
aos amigos sobre o tal caderno
e eles vão te olhar
como se rinoceronte
bicho do mato
-coisa da Carochinha-
fosse
e de tão velha
a delicadeza vai existir noutra dimensão
pensamento que já não conta
pois que nem tudo que vale a pena
pensa e conta
melhor será então de tudo fazer
de conta mandar
às favas as contas

REPENTE

confesso
nem sempre é emoção boa
companhia e como nunca
quando sim quando não
se sabe
há que esperar poema
que revolte
resuma
suma
em palavra única conjugada
na espera indolente
do último metrô

TROVA

ia escrever um poema
mas ele ficou tão
memória que apaguei

CANÇÃO DE EXÍLIO

hoje Finados
daqueles que se findam
findos

ao pai morto em noventa e três
escrevi em dois mil e três vontade
de mexer tristeza tão triste
melhor outros poemas
e se um dia no mundo
acabar energia máquina
vira carcaça
assombradas anotações
dormidas na winchester memória
ou no raio que as parta
sem serventia voem

abra então caderno
se dele não deram cabo
pensando vaidade ajoelhada

à Esperança

CANTO CHORADO

¿de que adianta
conselho
coisa que se dá de graça?
difícil é que valha
pois o ouvem
sem ouvir
e tudo fica igual
quem sofre
porque vê os outros sofrer
sofre e não sabe mais
se é sofrer
e sem saber que está sofrendo
sofre

iufa!

MODA DE VIOLA

é...
tem veiz qui num diana
a gente garra numa tristeza
que inté qui ia gostá de escrevê:
história de príncipe e fada
e amor
mais, num sei...
vira tudo numa fala
de sapo e pântano
encanto
sono de morte
sem beijo de vorta
desencanto

óia, dá licença
vô mi escondê um pôco
prá vê se a tristeza vai s'imbora
ou si mi escuiamba di veiz

ELEGIA

bisavô dizia:
tem dias que a gente acorda como se sonhado
e como tem todo tipo de sono
é certo que uns são azuis
outros vermelhos
uns alegres
outros tristes
melhor fingir sonho pra falar
beijar os que nos gostam
os que a gente gosta

bisavô dizia também
que é pra *espiantar* a tristeza
sempre até que um dia
de tanto medo da alegria
corra sem saber pra onde
se perca na própria selva que imaginou
pra ver se nos perdia
se nos grudava
com baba de sapo verde
e não pare nunca de correr
até encontrar gente ruim
selva má onde habitar ou
o que seria bem melhor:
morra
e nos Finados a gente descubra seu túmulo
erva crescendo sem flores
dele nascendo triste
a tristeza

FESTA DE REIS

é festa de criança
à adultos?
deviam ficar escondidos
em arca
baús
sótãos
porões
para só voltarem
no carnaval
das máscaras

enquanto isso o mundo
seria dos brinquedos

CANTIGUINHA SEM PÉ NEM CABEÇA

você estreou
berço e banheira
maiô passeou no carrinho
piscou para o sol

rindo para a grande árvore

TANGUILLO

apresentei-lhe o ficus
aquele a quem dedico sonhos
e se espantaram olhos
com tamanho verde
verde
que te quiero
lá pelas cinco
en punto de la tarde verde

BAILARICO

finalmente o urso de pano
no instante do ar
atirado longe soa
guizo

desenha risco
ser avô

FADO

e... por falar em façanha
você escapa da banheira nova
colocada de bruços estica pernas
bate nas bordas molha tudo
escondendo conversa baixinho de mãe
(que ninguém sabe ou consegue imitar)
destino

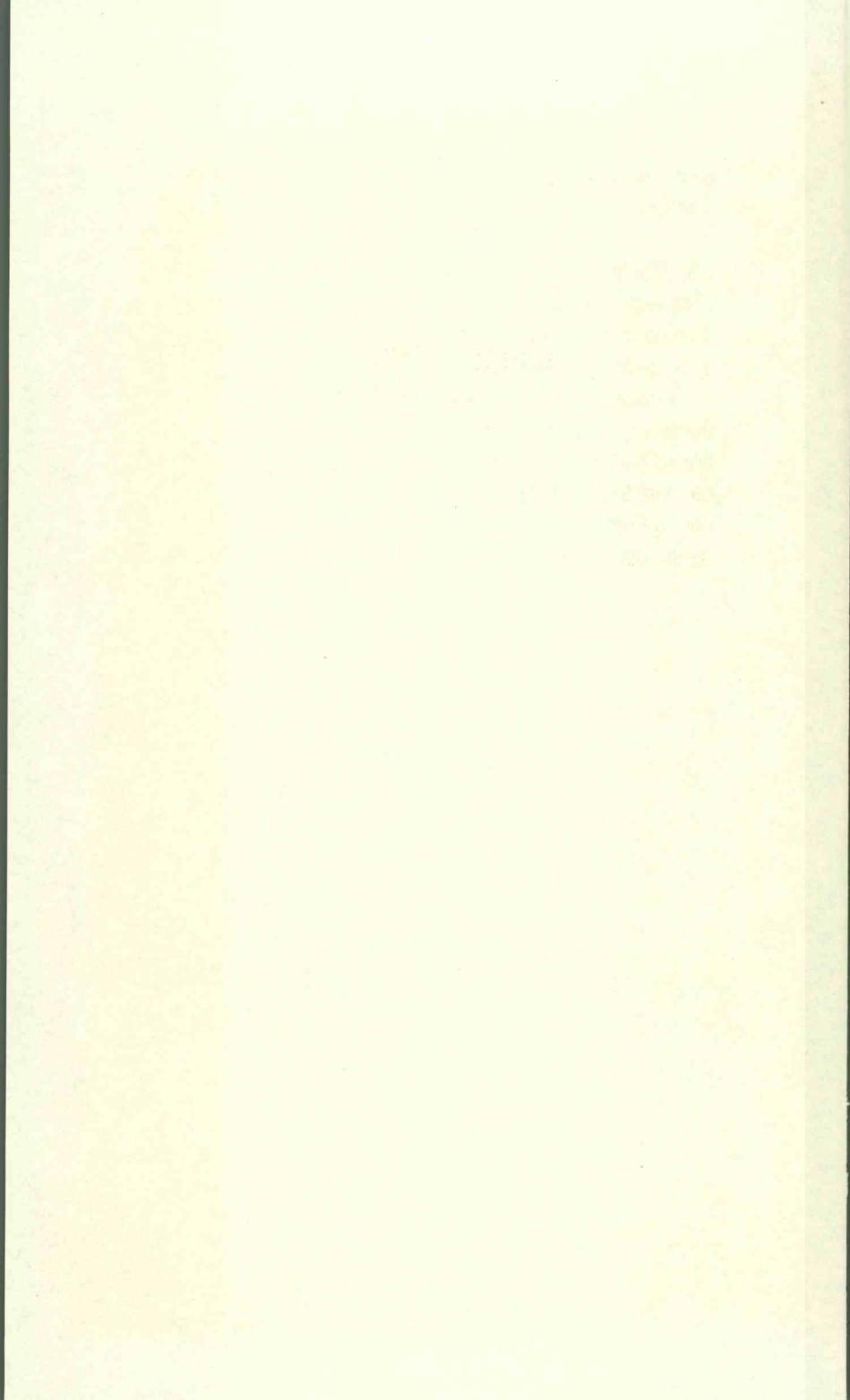
VALSA TRISTE

leio no 'diário de Antonio Maria'
que no Belo Horizonte esteve
e anos depois lá estive
¿no mesmo quarto dormido?
¿à mesma janela debruçado?
certeza apenas de solidão viver
mulheres diversas

você já pode adivinhar:
estas horas acabam de acabar
¿onde inspiração? acabou também
ano em festa para alguns
despedida de Papai Noel;
para outros nem veio
e véspera passou
¿quem viu?
hoje já é 25
e à espera do menino um monte de gente
entregando presente
presente
e mais presente
como se você soubesse
pra que servem roupas
brinquedos de pilha macaco de pelúcia
que te dei

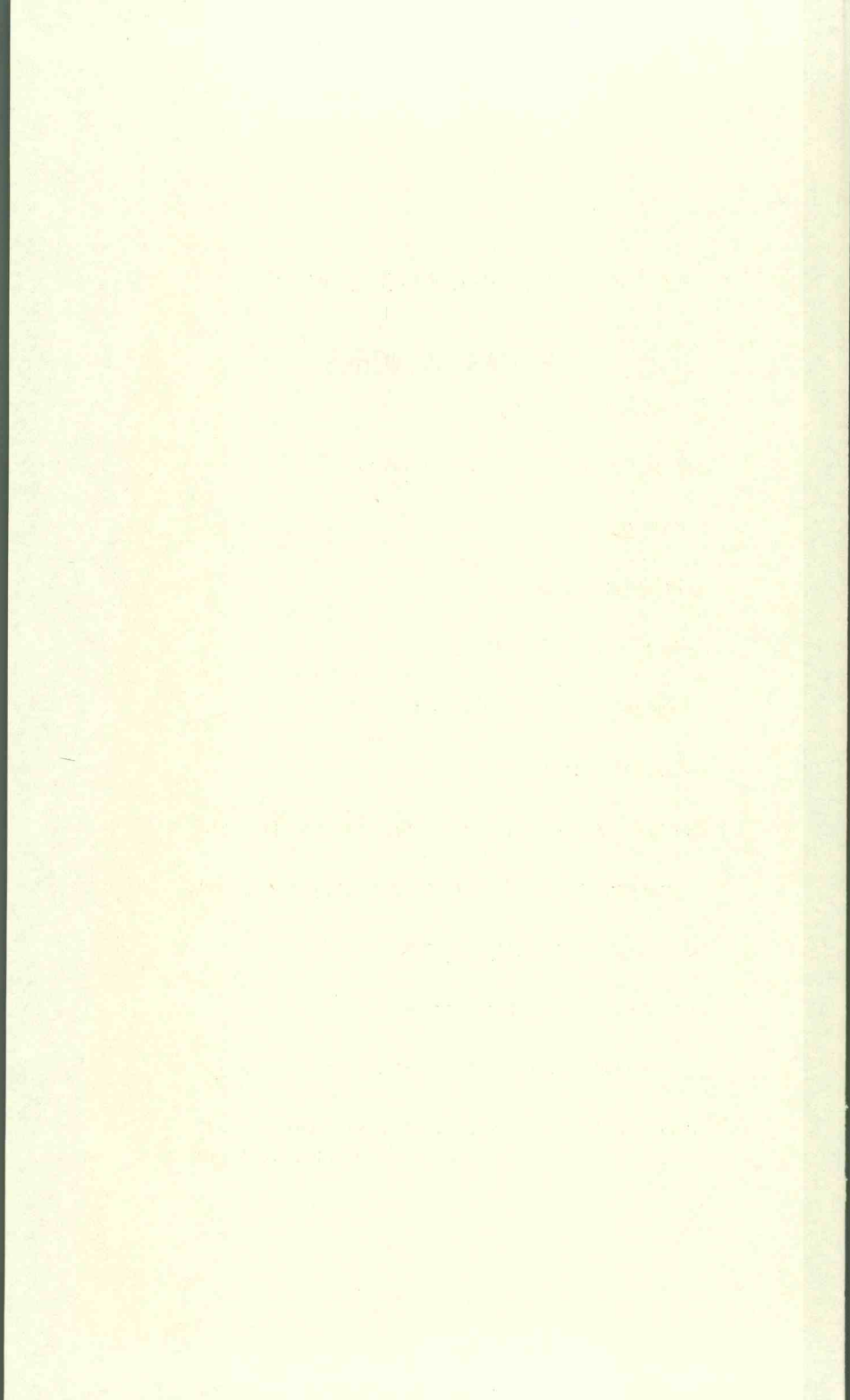
de minha infância
memória

pela manhã
você veio no colo de mamãe
e como despedida uma grande volta
apontando quadros restos
de comida apontando papéis de embrulho
doces copos abandonados
árvore-de-natal sem brilho
na manhã que nasce
para o Cristo
de um dia



II

HORAS MENORES



BREVÍSSIMA RELAÇÃO DE HORAS BIOGRÁFICAS

43 nascimento de Brigghe?

regente de orquestra imaginária/menino

prodígio do piano operário

ao Brás dos 50 adeus

na Augusta de trole e trilhos

colégio de cera cheiro entranhado no nariz

admissão aos seios

primeira chamada: Spica rádio e rock and roll : ipresente!

cinema confessionário de arfares e empregos medíocres

Lorca duende romanceiro livra ágil os 60

mural de sebo livros da Faculdade

política fingida: futebol cerveja tortura suor

segunda chamada: cinema / casamento / morte / filho /
América Latina: ipresente!

depois, 68 70 80 90: morte / mulher / filhos / mulher

ancestral / aldeia juventude: ¿ausente ao derradeiro fazedor?

em 02 cantiga de horas e choro

espectro: ¿presente?

[PRIMEIRA]

parede gretada
brilho de tijolo
em grão de areia
lágrima incrustada
no limbo marchetada
 primeiro amor
sombra oca
madeira sem som

[SEGUNDA]

fim de namoro
reportagem definitiva

os 60 rolando
de mãos dadas nos olhavam
sem saber você
naquele vestido branco
(onde sua mãe modelara
ao peito
rosas amarelas bordadas murchas)
feitas para esconder nascentes
bicos
na rua distante
língua fingida
a estalar no cinema
na mesa do café
manteiga escorrendo
olhos fritos de pai
e mãe solitários
de conversa hipócrita
em pé
mal disfarçando na calça justa
desejos em tensão quente
mancha dura jato
d'água do tanque
extraí-se a dúvida:
¿era a mãe ou a filha que eu queria?

[TERCEIRA]

naquele tempo
São Paulo feita só de cinemas
tudo acontecendo antes
depois do escuro escondido
fora de moda nas roupas do tio
pernas demais grandes
e sapatos de menos
orgulho fugido aos deveres
de confessorário verdadeiro
admissão aos seios de Anita
no castigar padre gozava
ladainha de ave-maria e padre-nosso
espremidos às mãos músculo em prece
de estrelas em branco-e-preto
sem pele-e-osso entornando
pelo chão imagens
na palavra
FIM

[QUARTA]

fim de namoro
(primeira versão)

quanto me demorei
em pedir-te
para que saíssemos
daquela casa
daquele estranhamento
de olhares e sobressaltos
bebida e coração
vermelho nas faces
escusas na escola

porta do encontro
naquele dia teu pai
nos viu apertadas mãos
gritos na espera
então
de tudo me desfiz
para rever-te depois
de anos
na conversa de praia sem saber
¿e queríamos?
- ¿ ... teu pai morreu?

INTERLÚDIO

em meio a lágrimas freáticas
enxutas em lençol
de amor linho
escrevo refratário e desdobro

persona

em veredas várias
insondáveis sertões

FÁBULA

para Domenico Modugno

o homem no ônibus tem cabelos
brancos na testa velha
fina farinha cerimoniosa
enseba fraque
cotovelo e punhos puídos arroubos de cartola mágica

jovem sentada sem jeito pensa
que a olham espalmar pano
apertar lábio
contra lábio
olhares cruzam

...me devassa – pensa
enquanto batom escorre lento queimando sob as pontes

[SÉTIMA]

o que há de música
viajando em nossa cabeça
nunca se sabe

chega tarde cena memória
de pais conspícuos a troçar
olhares no sofá de dança
arfares e murmúrios
cozinha cantarola discos
duros asmática agulha
roucos chiados de bill
halley elvis
presley cometa
de gestos beatles rolling stones guitarreados
em fodas ao desmaio mal
e mole dolência
joão desatina
desafiando tom vinícius baden
antônio no beco
desafino de garrafas
onde sempre sobra
de som um pouco
em todo surdo

[OITAVA]

dia e mês não lembro
descobrimos
após tanto de vinho
e mais de conhaque ordinário
a queda na calçada
diante do pronto-socorro
minha boca
grudada à sua
num rastejar de línguas
o morto
há menos de três meses pensava
que amor e pecado andam juntos
ibesteira!

traição é que põe a azinhavre
um travo em tudo

[NOVENA]

vivo um amor
de sempre
não de vez em vez

e busco
como teria sido
com que retalhos
de sons ou palavras
reproduzir sensações
desfiar ruídos
cabarés de fichas perfumadas
cavalos a pastar em nossa sala
inquietos no elidir sujeito e objeto
indo-se
ele ia se deitando enfiados
tempo e morfina veia adentro no aguardo
de finório encontro farejado
ao ouvido de cães
com a morte

[DÉCIMAS]

ficção de amores arrastados
num nunca acabar de desertos

faíscas dilapidadas
brilhantes fragmentos

partícula morta ¿falsa estrela?

[UNDÉCIMA]

pensar fábula ouvida
música dos anos 40
que outra vida se viva coisa
que não existe

de tanto amor amar
assusta pensar pudesse
ela nos braços de um outro qualquer

dura vida essa do ladrão que no roubar
aprende o que é ser roubado

ÉPICA

a Juan Figueroa, poeta

“...começamos a compreender, quando
compreendemos que cada dia de nossa
existência é necessária – absolutamente
necessária – a uma outra pessoa”

LORD JIM

no barco pergunta
¿serei realmente necessário
absolutamente necessário?

ou novamente enganado
como das outra vezes
roupa branca
de curvas e volumes
pele e bronze
olhos a indagar compromissos
mortos

consumira desespero
juvenil fruta
amor chupado
em casamento e filhos
seguindo cortejo
de enterro a grudentas paixões

...trem amarelo
pensamento rói
cérebro

cerebelo
cabelos
tudo a rastros pelas beiradas

barco e ancas oscilam
ao esfregaço de marinheiros
amurada de gestos
¿ondula ciúmes?
na foto tristonha
som esverdeado
some-se em filme
¿Fuji?

areia risca lente ampulheta
escondida de pai e filhos
¿marido traído dança bolero?

o primeiro:
¿quem?
¿deus?

dilatados lábios e narinas
gemem e lambem travesseiro
¿faria amor no sonho?
nunca acreditou fossem
necessários -absolutamente necessários-
entreatos e despedidas ao displicente
caminho que não mais lhe sai
às mãos da cera
que fabrica asas
enquanto descreve ao amigo
rente ao mar derretidas na provável queda
de olhos e boca
em grito mudo

ESTRANHO INTERLÚDIO

el amor de un día

personagem de novela sonho

sentimental

princesa

¿de Julio Soza

seria?

tudo começa através de olhares

calça jeans aberta mostra pelos

enquanto bocas

ah! as bocas sanguinolentas...

se unem primeiro a dele

que se aproxima e beijo único

(você sem entender)

para que servem gesto

desvelo de dengo

e carícias na mesma hora

sem explicação adivinha

dela o som em boca ríspida

milonga *callada* num arranco de lábios

beijando enxergando-se

amada

e jovem

amada

como jamais

amada

antes algo

inexplicável houve havia

mesmo depois de acordar:
havia
lamado?
em voltas amor
devora tigre falso
deus mexicano jaguar
de cenário embrulhando glande rija
lo que há de medo adormecido
entre as pernas? linho perdido sêmen
como das outras vezes
esfrega e penetra
calça jeans que mais se abre
ensaiando dedos escorregar
emaranhados ao sexo
vivo enquanto a olham
sem reproche
como se deitados a bolinar
normal fosse olhar e nesse olhar
o fim de tudo tarda
demais enquanto tango
sonhado desembesta
madrugada adentro

1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

III

DO CAVALEIRO O ESPECTRO

DO. CARLOS DE ESPINOSA

I

a primeira vez que o vi lia
introdução à poesia romântica:
fato auspicioso e gentil deu
em recordar 'Epopéia' revista
mesquinha em quadrinhos
em texto pródiga
indiferente a Mandrake / Fantasma / Super-Homen
(e sua criptonita)

Marvel Capitão prelúdios insanos de Coréia
/ Vietnã de Oriente remoto
/ Afeganistão de crianças remelentas perdidas num deserto
sem abraços de palhaços
Mc Donald e suas bombas que espirram
restos televisivos
miolos de dedos viscerais sem texto
na lente

II

cavaleiro meu velho agora é guerra! - gritei
mas dela não se consegue extrair sequer
ar romântico de uniformes
bigodes espadas e champanhe grandes valsas
salões decotados
ço que acontece?: parece que tudo se resume, desmancha
e brutaliza

poesia desfilando torpe banda
envergonhada aos rabiscos
cozinhados em maus sentimentos e presságios panela
patética de palavra e tinta
devaneios ressentidos
a sobrar românticos piolhos num vão de escada
da Londres pustulenta
na Paris que ressuma batatas fritas
(como queriam Rilke e Marx)
gripe espanhola
chinesa deforma equilíbrio malthusiano
cavaleiro, grandes guerras: *i no más!*
tudo roleta atentado
ao pudor do guarda-noturno do mundo
e seu açougue bunhuesco pendurado
aos ganchos arremessado janela afora
de pura expressão em vida
monástica amor lambido
lânguido pergunto *¿não crês*
que melhor diplomata ou médico eu seria?
quedando em pós
imersos nós em escroto silêncio

III

melhor seria sim pescar
na surdina da maré baixa
barco de sexo na lua
dos afogados linha de lama desponta
barro de pedra e galhos
malditos entrando proa adentro
e a se enterrar nos cascos
mandando gaiolas crianças e índios pro além
ah que saudade do rio...
da viagem pensada como herói talismã
tarzan de bolso perdido
na selva alagada
arraia gigante tamanduá
bandeira sem abraço
e carapaça de tatu flutuando
barcaça improvisada
pra transportar peixe e formiga
pirangüeiro de dedos cheirando
maresia podre mistura
de fumo de corda e fagulha
queima camisa

III

Fosca: ópera de camisa?
cerzideira dos arcos
da Lapa Madame Satã manda
suadouros a seresteiros
que no óleo gemem batatas
ordinários fritam e mulheres raspam línguas
por muros e becos entranhados
ao chope quente desejos sifilíticos
marujada saudosa
saúda entrega nos pátios espectros
¿cavaleiro heróico onde estavas?
confundidos a abades de convento
penetram mortas carnes
podres putas vestidas de melodia
que sob 40° balançam corpo
entregues às redes mediúnicas

(i n t e r v a l o)

bom mesmo teria sido jantá-la no hospital
enquanto o bisturi não vinha
e depois direto pro Santos Dumont
alma compungida
mesmo no arfar incestuoso de que abrissem a porta
e tuas pernas como compasso riscassem
no ar um urro de dor
de zíper aguilhoando pelos
¿onde estavas, cavaleiro?
verdade ou filme de santa

1
casa sem misericórdia
de anos dourados
na mistura melosa de pastiche abandono e fuga
sim
é esquecimento?
não
(fim do intervalo)

V

que coisa mais besta esse martirizar
de sensações que se há de junto guardar
a engodo ou remorso no gozo
a partir do bar de calçada
calor afrouxando gravata
colarinho e terno
calças lambuzadas até o mergulho
no beijo pegajoso do elevador
lençol despudorado aos segredos,
cavaleiro,
estourando canção ao cabo
de amor em estado paraplégico de putrefação saciado salta
no escuro fingindo poesia depois do congresso
(ela com seus compromissos
e eu de volta pro hotel)
fiel escudeiro de tão galante dama
debruçado à sacada
¿que me atiro ou não me atiro?
¿quê?
¿estás loco?
pensando bem inão!
deixemos que pássaros piem pra nesga de céu
janela de corredor moldura onde se vê Cristo
braços abertos esgotado: ichega de versos!
e pela última vez
sobrevôo Rio sem saber
se aquela sombra lá
embaixo seria do cavaleiro o espectro

ou se de asa delta o Pepino
em marulho de pétala de rosa
afundando no assoalho do avião que a aeromoça
(bunda empinada espiando rabo
de olho) recolhe
páginas de jornal fotos de revistas pingando sangue tipo
iÓ! irreais caras
e festas
de vida marafona

VI

o cavaleiro me espia
desde sempre
ao longe sinto
me acompanha a propor enigmas
sobre amor lata de lixo
de Beckett enfiados pai e mãe
com cara de média pão e manteiga
na espera
sem que indique - seja sombra -
ou cozinheira doida pra não perder jogo
na podridão do linho sujo
de lodo pobre camisa de força
ao amor natimorto
igo!
Quixote marcado nos corredores e quartos dos conventos
entre frades prostitutas
à espera da carruagem que não chega
pós perucas e lassidões
cobiçosas travestidas dinastias cheia de nobres de olho
num Rocinante nu vestido de vento e mulheres pás
de moinho gigante
o cavaleiro vê desaparecer
tragédia coada à beira dos caminhos e na estalagem
diante do espelho olha e dispara estampido cego
suicídio pensado na prudência de cacós
revela figura de vidro esquartejado
estrelajando chão em migalhas de excrementos
de rato e barata criado-mudo conta

ao papagaio de mijo cheio da cadeira
de molas saltadas nas noites
que a morte passa perfurando
nádegas indecentes riscos de pressão (23X4)
resposta aos batimentos
do sufoco cardíaco perdido ao rastro
no ar de suor fétido verdadeira tosse
fumada até o último bago de catarro

(novo intervalo)

ìi ma, chi casso, tenho eu com isso!?

(fim do intervalo)

nado e mato sede que é ódio
praguejar de gritos aos céus
naquela tarde
e, ¿porque você não veio, cavaleiro?
mandasse ao menos um estafermo
daqueles de enterro em cumprimentos
de raríssimo esplendor

VII

aqueles olhos - *io* que tinham eles?
il fascino discreto del fascio
mentira plantada na pureza
que sabonete nenhum lava
de cima do cavalo ele observa
meio cansado de me perseguir e benzer
enquanto uma e outra vez caio
nuns braços antes de ser
enrolado em pudico lençol marrom-pus
no sobressalto
violáceas veias aqueles olhos
(*verdes de miradas serenas*)
e cabeça cheios de argênteos guizos
definitiva e implacavelmente imóveis
enquanto dizem teria ele
atravessado a janela
despencando-se pela chaminé de resíduos hospitalares
compungido estardalhaço ao relinchar do cavalo
esgotando-se em cinza
mas perguntei:
çessa a verdade?

VIII

imaginei o cavaleiro morto
ao cair de borco no vômito e pedras
do chão amarfanhavam minha cara, mas
lá estava ao poste cavalo amarrado
na espera da maca sabíamos
até se abrir a porta
foi ouvíamos? os três
da estreita novela que
entre gritos nupciais rudes
palavras na presença das crianças
desmoronava amor
daqueles que põem sangue nos olhos
aos seres alheios
igual ao vislumbrado por Adão
da queda do anjo espectador
na Terra privilegiado

IX

ansiava definitivo confronto embevecido
pelos tais moinhos luta calada de vida
ou morte toreada nos olhos
areia alheia
de derradeira paixão em lança e vinagre
temperada tentando
vozes arrancar ao rebenque dos sinos
encantada imagem varando portas de fogo
de pulmão membrana-caverna e
¿se te queres morrer? – pergunta de novo
que não, ainda - respondo

X

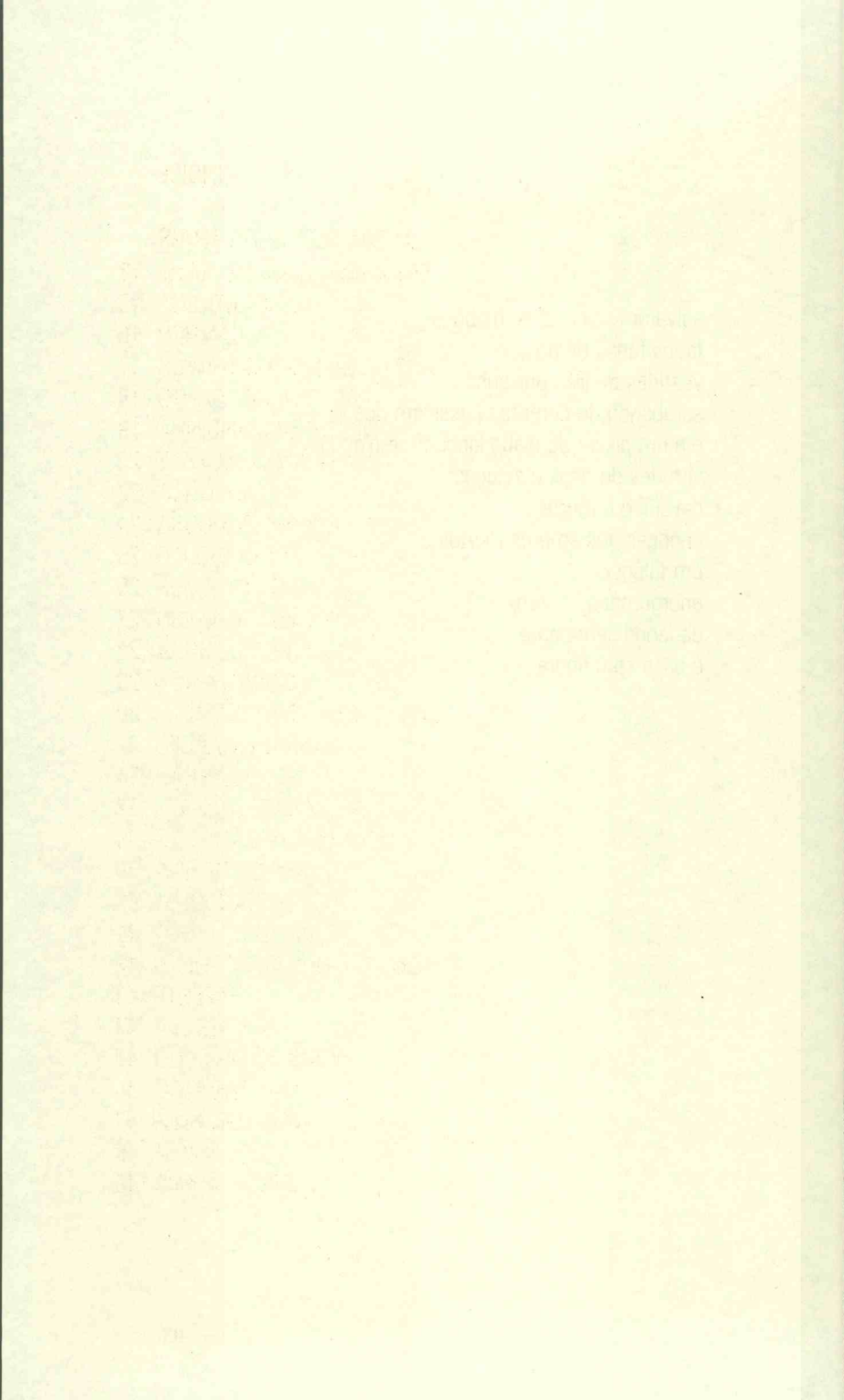
e prossigo no trapézio
palhaço sem rede equilibristas leões
lambem beijos enquanto me desmancho
no ar massa informe espalhada
ao solo rumor informal de gritos ensandecidos
ao sucesso de som
e fúria da história contada
para inglês cançonetista ver
do cavaleiro o duelo
e escrevo e re-escrevo versos
crônica de arpejos aleijado
cantar gasto em ninar caduco
aos partos de mulheres mágicas
abortos de sapos encantados e cesarianas
de anões príncipes em janelas de papelão
que do palácio coaxam: eu te amo
mais do que tudo na vida: eu te amo
até que o cansaço e a lua fechem o olho certo
nele há de haver, cavaleiro, acalanto
e sono espalhado pelas calçadas
perfumadas dos que perdoam aos que dão
rindo dos que recebem marca
de esmola penitência asilo
adentro vencedor de sopa fumegante
restos de amor e lenda

XI

sinopse
sinapse
anamnese
temas doentes precisam tanto
de diagnóstico como passados mofados
de desinfetantes gritos de paixão aos murros
como batatas a dor divertem e cutuco as unhas
por baixo cheias do musgo arranhado às paredes
do castelo sonho que teria sido felicidade
para outros doce
memória insensível do cão
de guarda aos labirintos da carne
de sol apodrecida à chuva cobre
esqueleto de areia que não é
e tempo ressurgue
com ele da margem da página virtual
vestido de novos brilhos novas lanças e velha
esperança do escudeiro mendigo assistente
à porta do amor dos outros

XII

salvaram-me a sorte os bons
fados fadas de abajur
vestidas de lilás portenho
sarabanda de corpetes passeiam rios
e a um piscar do diabo lançam-se n'água
virtudes de deus e soluços
cavaleiro à morte
crianças aos amores mortas
em falência
energúmenos santos
de lenda sem carne
e osso sem figura



ÍNDICE

I CANTIGA PARA THAIS

há estrelas que só teus olhos	13
CANTILENA	15
CÂNTICO	16
CANTIGA DE MUITOS TEMPOS	17
PASTOR E SEU CANTO	18
CIRANDA-CIRANDINHA	19
CANTIGA <i>CON DUENDE</i>	20
BUCÓLICA	22
CANTIGUINHA SAUDOSA	24
PÁSSARO PIO	25
CANTIGA DE AMOR	26
CANTIGA DE AMIGO	27
CANTIGA DE RODA	28
<i>CANTE HONDO</i>	29
CANTIGUINHA PAULISTANA...	30
QUATRO ESTAÇÕES	32
VÉSPERAS	34
<i>CANTE HONDO II</i>	37
CANTIGA DE MALDIZER	38
CANTIGA DE RUA	39
SOLO DE BANDOLIM	40
CANTO DE PRETO	41
CANTIGA DO FAZ DE CONTA	42
REPENTE	43
TROVA	44
CANÇÃO DE EXÍLIO	45
CANTO CHORADO	46
MODA DE VIOLA	47
ELEGIA	48
FESTA DE REIS	49

1. THE STATE OF TEXAS,

COUNTY OF _____

Know all men by these presents,

that _____

of the County of _____

State of Texas, for and in

consideration of the sum of _____

dollars to him in hand paid by _____

of the County of _____

State of Texas, the receipt of which is

hereby acknowledged,

have granted, sold, conveyed, confirmed,

released and confirmed unto the said

_____ of the County of _____

State of Texas, all that certain

CANTIGUINHA SEM PÉ NEM CABEÇA 50

TANGUILLO 51

BAILARICO 52

FADO 53

VALSA TRISTE 54

II HORAS MENORES

BREVÍSSIMA RELAÇÃO DE HORAS BIOGRÁFICAS 59

[PRIMEIRA] 61

[SEGUNDA] 62

[TERCEIRA] 63

[QUARTA] 64

INTERLÚDIO 65

FÁBULA 66

[SÉTIMA] 67

[OITAVA] 68

[NOVENA] 69

[DÉCIMAS] 70

[UNDÉCIMA] 71

ÉPICA 72

ESTRANHO INTERLÚDIO 74

III DO CAVALEIRO O ESPECTRO

a primeira vez que o vi lia 79

cavaleiro meu velho agora é guerra! - gritei 80

melhor seria sim pescar 81

Fosca: ópera de camisa? 82

que coisa mais besta esse martirizar 84

o cavaleiro me espia 86

aqueles olhos - ÷o que tinham eles? 88

imaginei o cavaleiro morto 89

ansiava definitivo confronto embevecido 90

e prossigo no trapézio 91

sinopse 92

salvaram-me a sorte os bons 93

1. The first part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the history of the English language. It deals with the various stages of the language from its earliest forms to the modern English of today. The author discusses the influence of different cultures and languages on the development of English, and the role of the English language in the world.

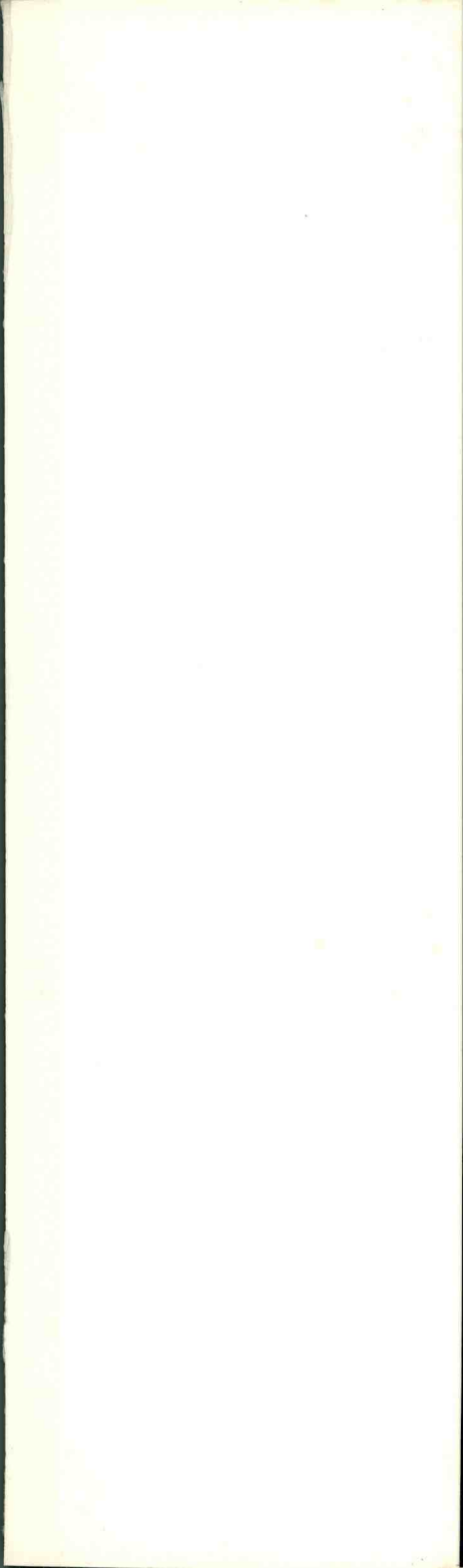
2. The second part of the book is a detailed study of the history of the English language. It covers the period from the Old English of the Anglo-Saxons to the Middle English of the Middle Ages, and the Modern English of the Renaissance and the 17th century. The author examines the changes in grammar, vocabulary, and pronunciation, and the influence of French, Latin, and other languages on the English language.

3. The third part of the book is a study of the English language in the 18th and 19th centuries. It discusses the influence of the American and Australian English, and the role of the English language in the development of the English-speaking world. The author also examines the influence of the English language on other languages, and the role of the English language in the world.

4. The fourth part of the book is a study of the English language in the 20th and 21st centuries. It discusses the influence of the American and Australian English, and the role of the English language in the development of the English-speaking world. The author also examines the influence of the English language on other languages, and the role of the English language in the world.

Impressão e acabamento
Gráfica Vida e Consciência
Editoração Eletrônica
Ferstman design | www.ferstman.com

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637



En el tiempo real, en la historia, cada vez que un hombre se enfrenta con diversas alternativas opta por una y elimina las otras; no así en el ambiguo tiempo del arte, que se parece al de la esperanza y al del olvido.

Jorge Luis Borges

nota do editor

sobre demasias e oscilações de Brigge cabe lembrar Mário Faustino:

Envaidece-nos o que afirma o próprio poeta: que esta página lhe abriu novos caminhos, fazendo-o evitar outros, sempre tentadores a qualquer de nossos jovens escritores: facilidade diluidora, a autocomplacência, o café-society subliterário dos mútuos elogios, da publicação amistosa, das glórias logo fabricadas e tão logo esquecidas.

ISBN 85-901847-2-2



9 788590 184720